

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

PROVISÃO DE S. EX.ª REV.ª O SNR. BISPO DO FUNCHAL, APPROVANDO A HISTORIA POPULAR DOS PAPAS. — FORMAÇÃO DE UM PARTIDO CATHOLICO EM PORTUGAL, pelo Padre Senna Freitas. — SECÇÃO RELIGIOSA: *Elevação d'alma perante a crise actual*, pelo Padre Senna Freitas; *Catholico, mas não clerical*, Civittà Cattolica. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *O transformismo*, pelo Padre F. Sanches. — SECÇÃO LITTERARIA: *O Papa e a liberdade*, por Camillo Castello Branco; *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinués, versão de J. de Freitas; *Verbum caro factum est!* poesia, por ***. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. — ULTIMAS PUBLICAÇÕES, por A. Teixeira.

PROVISÃO

DE

SUA EX.ª REV.ª O SNR. BISPO DO FUNCHAL, APPROVANDO

A HISTORIA POPULAR DOS PAPAS

Dom Manoel Agostinho Barreto, por mercê de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Funchal, Ilha da Madeira, Porto Santo e Arguim, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, etc., etc.

Sendo, como é incontestavel, de summa importancia os estudos historicos para bem conhecer e apreciar as diversas phases sociaes e as instituições de differente natureza que hão tido preponderante influencia no destino dos povos, occupa por isso mesmo um logar muito distincto na instrucção geral de todos os homens a historia da Igreja. — Ninguem pode desconhecer quanto deve o mundo a esta obra elevada na terra por Jesus Christo; mas porque são muito geraes os preconceitos ácerca d'esta grandiosa instituição, porque se tem conspirado ha seculos para macular-lhe a face magestosa, porque a antipathia, disfarçando-se sob o titulo especioso de—critica historica, tem imbuido não poucos espiritos de opiniões erroneas, de mais imperiosa urgencia é o seu estudo em fontes puras e testemunhas imparciaes e insuspeitas.

Será bom reflectir um pouco antes de aceitar as audaciosas affirmações de escriptores pouco escrupulosos que se comprazem desenhando a Igreja com sombrias côres, como se fôra ella a origem de muitos males e por ventura o primeiro estorvo ao progresso in-

tellectual e material dos povos.—E' mister attender á sublime missão da Igreja, aos elementos que a constituem, aos meios de que dispõe e ao modo como os põe em prática.—E' conveniente olhar para as epochas verdadeiramente criticas e calamitosas da preponderancia de doutrinas contrarias á crença catholica; para o periodo anarchico da invasão dos povos do norte; para o apparecimento de Mahometh e progressos temerosos de sua doutrina e sectarios; para as densas sombras do seculo decimo; para as evoluções transcendentales da sociedade nos seculos xii e xiii; para as luctas gigantescaes entre o sacerdocio e o imperio; para o renascimento das letras da ordem politica e social, das artes, do espirito de independencia, de cavalheirismo, de moralidade que tanto distinguem uma parte da idade media; sim é indispensavel estudar com particular attenção os factos apontados para descobrir se tem sido proveitosa ou prejudicial a influencia da Igreja e dos seus chefes.

Não escaceiam escriptos de merito superior nos quaes pode aprender o ignorante, esclarecer-se o illu-

dido e confirmar-se o já bem disposto.—N'estes livros ha pois a luz e o remedio, que não pode, não deve desprezar todo o que necessita de conhecer a verdade, de defendel-a contra os assaltos do erro, de propagal-a, ensinando-a aos outros. Eis porque muito recomendamos a todos os nossos amados diocesanos e por um modo especial aos sacerdotes e seminaristas a leitura da Historia popular dos Papas, escripta originalmente em francez por J. Chantrel, traduzida em vulgar por A. J. de Carvalho e publicada pelo escrupuloso editor catholico de Guimarães J. A. Teixeira de Freitas. E' um

livro de grande merecimento, sem nota de erros, já approvedo por varios Prelados e digno de ser consultado por todos os homens de boa vontade.

Ao digno editor enviamos sinceros agradecimentos e as benções de Deus como penhor de vida, prosperidade e progresso de sua tão louvavel empreza.

Dada n'esta residencia do Funchal, aos 15 dias de dezembro de 1879.

✠ MANUEL, Bispo do Funchal.

GUIMARÃES 15 DE JANEIRO DE 1880

Formação de um partido catholico em Portugal

Ha já algum tempo que o excellente (1) jornal portuense, a *Palavra*, iniciou a idea da formação de um partido catholico no nosso paiz. O *Progresso* ainda então não existia para applaudir essa idea tão fecunda, tão elevada, e d'uma effectividade não menos urgente que proficua. Apareceu pouco depois aquella Revista, quando o alvitre apresentado parecia ter-se já sumido na multiplicidade de outros assumptos que lhe tomaram o lugar. Volvidos mezes tornou a *Palavra* a occupar a attenção dos seus leitores, fazendo um novo e por ventura caloroso appello a todos os catholicos portuguezes sobre a organização de um partido catholico.

Era vontade nossa ter immediatamente mostrado ao diario portuense (que nos prezamos de chamar nosso collega) o echo vigoroso que as suas sensatas considerações encontraram nos homens que compoem a redacção d'esta folha. Circunstancias que não são para aqui nol-o empecerem, e tomando agora a penna só sentimos não o ter podido fazer ha mais tempo.

O plano da organização de um partido catholico em Portugal é um plano de uma importancia tão capital, e de uma tamanha fecundidade de resultados que para attingir-lhe o alcance e dissertar cabalmente sobre elle se nos tornaria mister um repouso d'espírito, ou melhor, um vagar de reflexão que de balde procuraríamos actualmentemente em meio das lides que nos trazem atarefados. Uma parte, porem, d'essas lides cessarão breve, e poderemos então não só estudar mais a fundo o referido plano, mas advogal-o com todas as nossas

forças e promover, quanto em nós caiba, a sua realisação.

Desde já, todavia, se nos antolha que o estado de indiferença, e de anesthesia moral em que hemos vivido ha tanto tempo no nosso paiz relativamente aos interesses da religião, é devido á falta de um partido catholico regularmente organizado e em actividade. Temos permanecido na inercia, porque temos permanecido no isolamento e o isolamento no bem ou no mal é quasi a inanidade.

Quanto mais somos desprotegidos pelos governos e entregues á mercê das prepotencias hostis ao nosso credo, tanto mais carecemos de nos unir, de nos cerrar estreitamente, de haurir na communhão de um pensamento e de um querer identicos o vigor e a tenacidade que, separados, não lograríamos ter. Ninguem ignora que a união é o segredo da força, e que esta não é mais que a equação das vontades colligadas.

Em presença de medidas que tendem mais ou menos ao menospreço da dignidade e independencia da Igreja de que somos membros, em presença do injusto desvalimento a que tem sido condemnado o nosso clero, da impunidade com que tem sido atacada a nossa acção catholica, exercida dentro da esphera do direito; em presença do quasi total desbarato a que correm as nossas colonias e a nossa igreja do ultramar, não guardariamos a mudez dos mortos, não nos limitariamos a um protesto embora generoso mas imbelle, e destacado como o de vedeta perdida no meio do campo inimigo. Levantar-nos-hiamos como um só homem, iriamos de parceria á urna, lançaríamos um voto em favor de deputados catholicos que advogassem os nossos fíros, os nossos interesses, com a franqueza que dá a convicção, com a eloquencia que dá o amor das causas epicas da sociedade, e com a firmeza que dá a coragem.

E se esses deputados catholicos não podessem vedar que um regio decreto sancionasse uma iniquidade parlamentar, ou que recriminações antica-

tholicas encontrassem echo na maioria dos deputados, protestariam sequer em nome de todos os verdadeiros portuguezes, salvariam a dignidade dos opprimidos, seriam o orgão do nosso desforço, o grito da nossa liberdade christã, a valvula da nossa consciencia offendida, o verbo da nossa justa indignação, fal-a-hiam constar desde os bancos do parlamento até aos degraus do throno e da rua de S. Bento até á Agencia Havas. Ver-se-hia que em Portugal o catholicismo está vivo como o está em França, na Suissa, na Belgica, etc, onde os interesses da causa catholica são reivindicados e mantidos com uma valentia athletica, que tem sabido impor a admiração aos seus mesmos antagonistas.

Afirmariamos por este modo a nossa existencia, principiariamos a fruir uma certa representação, e quasi autonomia no nosso paiz; cessaria esse estado de humilhação que faz, entre nós, do catholico uma especie de paria, que caminha cabisbaixo e só, obrigado a devorar em silencio e sem recurso, os baldões dos paços e as jogralidades das ruas.

Depois, este partido catholico seria para o jornalismo orthodoxo uma alavanca poderosissima. A ninguem é escuro que qualquer gazeta religiosa labora entre nós com terriveis embaraços para sustentar-se, e que o maior d'estes embaraços é a escassez de seus assignantes, e a pouca probidade de não poucos d'elles. Por isso a existencia dos jornaes catholicos é, por via de regra, ephemera. Todos morrem anemicos e mais carregados de devedores que de dividas. N'este sentido, o partido catholico poderia prestar um relevantissimo serviço á nossa causa, dando alento e estabilidade á nossa imprensa jornalística, promovendo o melhoramento das condições em que ella até se tem achado, cotisando-se para augmentar o numero dos assignantes das folhas religiosas, dando-lhes decidida preferencia ás incolores ou insidiosas, pagando punctualmente as suas assignaturas, tomando parte na colla-

(1) Qualificação que de modo algum empregamos como adjectivo de eucher.

boração jornalística, que tantas vezes é uma collaboração de thesoura etc.

Veja-se a desproporção que se dá, sob este ponto de vista, entre as nações onde existe um partido catholico e onde não existe.

Na Allemanha publicam-se 243 periodicos orthodoxos, dos quaes 43 diarios. Entre estes, o *Jornal do povo* tem uma tiragem de 35:000 assignantes, a *Folha semanal* de 40:000, e o *Theouro do lar* de 45:000.

Em Italia publicam-se 127 periodicos orthodoxos, sendo 14 diarios e 10 semanaes. Os de maior extracção contam 15:000 assignantes.

A vizinha Hespanha imprime 40 folhas religiosas. A *Esperança* conta 10:000 e o *Pensamento* 8:000. Não cito os Estados-Unidos, nem a Belgica, por não ter aqui á mão a estatística relativa a esses paizes. Bem sei que Portugal é uma nação pequena, e que portanto, o numero dos assignantes das suas gazetas ha-de necessariamente ser muito mais diminuto que o das nações que acima citei, mas a desproporção, ainda assim, é grande bastante e revela uma deploravel apathia nos nossos catholicos, dos quaes muitos (*pudet dicere!*) preferem sustentar a imprensa impia, assignando jornaes nada menos que adversos á Igreja.

A tiragem da *Nação* não passa de 800 exemplares, segundo me dizem; a do *Correio da tarde*, de 1:200, a do *Commercio do Minho*, de 600. Só a *Palavra* faz uma tiragem de 1:600 e tantos exemplares. Porem muitos d'esses, ao que parece, são distribuidos *gratis*.

Não se entenda que estamos fallando *pro domo nostra*. O *Progresso Catholico* não tem por ora motivo para queixar-se. Ainda não tinha findado o primeiro anno e já contava para mais de mil subscriptores. Relativamente, este facto é assaz animador. Isso, porem, não obsta a que toda a imprensa catholica lucrasse com a organização de um partido catholico. É aqui tomo a asserção em toda a sua latitude, porque todo o genero de publicações religiosas lucraria singularmente com a criação do referido partido.

Empoz d'isto, formaria elle uma especie de corpo de reserva da causa catholica, que, quando se tornasse necessario, sahiria da penumbra e do silencio para vir proferir a sua franca adhesão, e offerecer os hombros á execução de um pensamento generoso. Se a intelligencia e o zelo de um dos nossos alvitrasse um plano qualquer sensato, grandioso, de incontestavel proficuidade, esse plano não morreria impotente, não se extinguiria como uma voz que se perde no vacuo immenso, encontraria repercussão em mil vontades, tornar-se-hia semelhante á hera que se

abraça ao roble e com elle sobe a muitos metros do chão por onde de antes ras-tejára. N'uma palavra, converter-se-hia de humilde theoria em brilhante realidade; a utopia de hontem seria o facto de amanhã, como o foi em França a *basilica do Coração de Jesus*, as *Universidades catholicas*, os *centros de assistencia publica*, independentes do Estado-atheu. A peregrinação portugueza de 1877 seria trez vezes mais numerosa, se este partido já então estivesse regularmente formado.

N'elle teriam plena entrada todos os matizes politicos, os legitimistas, os constitucionaes, os democratas (sem a menor distincção) contanto que fossem catholicos desde a planta dos pés até á raiz do cabello, e por conseguinte, tão adherentes á Santa Sé quanto infensos ao perfido liberalismo. Far-se-hia, pois, abstracção da politica partidaria *terribilis causa belli*, perpetuo e abominavel fóco de dissensões na familia catholica portugueza, verdadeiro pomo das Hesperides, que ha 40 annos tem paralyzado o magnifico desenvolvimento que entre nós poderia tomar a causa e o partido catholicos, e procurado crear uma intolerancia a quo só a Igreja tem direito.

Por todas as razões expostas, que logo a vulto nos parecem convincentes que farte, applaudimos a criação de um partido catholico no nosso paiz e curaremos de promover assim no *Progresso Catholico* como fóra d'elle, e quanto nos seja possivel, a sua realisação.

Não duvidamos que hão-de sentir conosco todos os que não preferem ser catholicos detraz dos bastidores, ou cren-tes nocturnos como Nicodemos, emminentemente fervorosos de portas a dentro e debaixo de manga de vidro, mas a quem incommoda a luz da publicidade, da acção patente, livre, colligada, e portanto efficaz.

O que importa é organizar o programma que ha-de dirigir o partido em questão, porque por ora só existem tentativas.

Sabemos que já se reuniu um grupo de bons catholicos, que tomou a peito o levar a execução o grandioso plano, e que já confiou a pessoas de todo ponto competentes o mencionado programma, afim de que das luzes collectivas que d'aquí resultam se redija um definitivo, que offereça ao partido as maiores garantias de estabilidade.

Infelizmente, apparecem sempre algumas entidades a contrapello das outras que, longe de se unirem para o bem, ou de offerecerem ao menos o óbulo de uma parca approvação aos esforços alheios, no que toem de louvavel, ou simplesmente de se conservarem passivos, deixando que animos mais ge-

nerosos e decididos tomem a iniciativa que elles não tomaram, só saem da inercia esteril em que vegetam para vi-rem agorentar os defeitos dos tentames alheios, exageral-os hyperbolicamente, e envenenar-lhes os designios. São entes que nem fazem o bem nem consentem que outros o façam. Pela lei do transformismo de Darwin e Heckel estes espiritos niquentos e maculadores procedom em linha recta do azinhavre que oxyda o metal, e que, convertido no caruncho que estraga a madeira e no caracol que baba a planta, chega até ao homem, que põe pecha em tudo o que lhe não sorri.

Por aqui se explica a opposição que a *Palavra* encontrou logo que suscitou o pensamento que agora igualmente nos occupa. Lançou-se o anathema sobre o projecto de um partido catholico de acção, como antes se lançara sobre todas as *associações catholicas* do paiz como suspeitas de maçonicas (!), fez-se de uma phrase menos pensada, escripta por um ecclesiastico conspicuo (2) n'um ensaio de programa por elle publicado, uma *delenda Carthago*, procurou-se na forragem da invectiva estafada e grosseira os peores doestos para lh'os jogar ás faces, e não houve intenção torcida ou antes perversa que se lhe não attribuisse.

E', pois, provavel que os continuadores da mesma idea deparem no seu caminho com igual opposição; não se perturbem nem ainda menos descoroçoem; com a biqueira do sapato arremdem a pedra d'escandalo, ou passem por cima d'ella, saboreando o delicioso prazer do desdem para com o que o mereca. A retaliação do silencio é a mais licita, a mais digna, a mais humilhante e a mais proveitosa.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

ELEVAÇÃO D'ALMA

PERANTE A CRISE ACTUAL

A crise é solenne e triste.

A descrença, qual herpes gangrenoso, ganha mais e mais o corpo social e lava solapadamente aavez dos mem-

(2) Este ecclesiastico todos sabem que é o sr. Padre José Victorino de Carvalho. O artigo supra estava já concluido quando fomos no n.º 2:222 da *Palavra* o seu artigo justificativo e a sua bellissima profissão de fé, em resposta aos ultimos ataques que lhe foram dirigidos. Aquella peça eleva-o aos nossos olhos. A honra não tem outra linguagem, nem a dignidade offendida sabe tomar uma attitude mais cavalheirosa.

bros que o constituem. A fé, acossada do espirito de muitos, refugia-se nos corações leaes que a sabem estremecer mais que a vida e votar á incredulidade o desdem absoluto que se vota ao que é execravel, e a repulsão que se sente para com o vacuo que medêa entre abysmos que se defrontam.

Não obstante, é pungente assistir ao trabalho titanico que a sociedade, ha um seculo, executa para se paganisar ou antes (pois no paganismo cria-se em alguma cousa) para descer até ao naturalismo radicalmente epicurista e atheo, e abraçar-se com elle com o jubilo victorioso do viajante que aferra o porto. O ambiente que se inspira é impregnado de incredulidade, de uma incredulidade que vegeta entre o prazer e a saciedade. O medrar satanico de um realismo onímbachiano e soez fere de continuo os olhares do observador que atravessa as praças e as ruas ou olha para dentro das vitrinas, povoadas de scenas anaercoaticas, confiadas á perfeição desesperadamente plastica da photographia. Dedos invisiveis de mão fria como o cadaver pousam sobre nós para nos advertir de que o ideal morreu de inanição, sem deixar cinzas d'onde renasça.

O espectáculo que nos rodeia é a lupercal da materia emancipada, tripudiando, obria de gozo e apodrentada de vicios, sobre a campã debaixo da qual jaz inhumado o mundo do espiritualismo com todas as suas imprescriptiveis exigencias do infinito, concretadas nas sublimes aspirações do verdadeiro, do bello, e do bem.

A crise é solenne e triste.

O sopro gelado da duvida infiltra-se até á alma e fal-a tiritar de desconforto e opressão. A fé parece languescer e desamparar a pouco e pouco os crençes como o navio que sarpa e se distancia da barra. Alguns, muitos talvez haverá que sintam a necessidade de levar a mão á consciencia para perguntar-lhe se já o naturalismo lhes trespassou de banda a banda o coração, ou se é ainda a fé, a vivificante virtude da fé christã, que lhes faz pulsar essa viscera intima do sentimento.

Mas não, o não!

Embalde tanto afanar pela conquista do nada. O ideal não morreu, não temos por ora que deitar luto por elle. Se parece eclipsar-se é como o sol que se atufa no horizonte para transmontar flamante e bello no dia seguinte. O espirito pode por alguns momentos avergar-se para a terra como a chama sob rajada violenta, mas tenderá de novo e inevitavelmente para o meio que lhe é proprio, e Deus é o meio dos espiritos.

A fé está viva em minha alma, qual na hora primeira em que rasgou ante meus olhos seus veus, e me disse: eu

sou a paz e a ventura. Nem sempre é calor como o foi na adolescencia dos meus dias, mas é sempre a grande luz solar que offusca os jactos phosphorescentes dos pyrilampos sociaes... Outro tanto succede aos crençes sinceros.

Ao mesmo passo que o sceptico se abraça com o arcabouço da materia e resonna descuidoso na crypta sem claraboia que protege os seus gozos infames, abraço-me eu á crença de minha mãe com a soifreguidão com que as creanças se conchegavam ao seio das suas no dia do edicto da degolação herodiana.

P.º SENNA FREITAS.

Catholico, mas não clerical

(Continuado do n.º anterior)

E' n'isto especialmente que consiste o gravissimo perigo d'esta phrase: catholico mas não liberal, que conduz o homem insensivelmente até ao ponto de deixar de ser catholico de facto. O liberalismo, filho primogenito da reforma protestante, tende ao mesmo fim que ella, mas emprega meios mais subtile. Esta, ao menos por enquanto, não proclama como aquelle a abolição completa do clero, e isto porque os tempos lhe não correm assaz propicios. Mas aquelle, pelo contrario, tem por timbre denegrir o clero de todos os modos ao seu alcance, e envilecel-o aos olhos dos fieis. Conhece perfeitamente a força que tem a perversão das palavras para preverter as ideias que representam, e é por isso que com fina malicia chegou a inventar a distincção entre catholico e clerical, para induzir os incautos a conservar unicamente a primeira denominação, para a qual apparenta um grande respeito, guardando para a segunda o mais completo desprezo. E' d'est'arte que elle espera separar os fieis do clero, e crear pouco e pouco uma especie de catholicismo, digamol-o assim, laxo, que afinal não é mais que um perfeito protestantismo.

A astucia não tem deixado de produzir seus effeitos em parte, e vemos já alguns leigos que pensando ser catholicos, não sendo clericos, teem feito uma religião a seu modo, um catholicismo independente do clero, que tem como regra o crer e obrar conforme os dictames da propria razão. Conheçemos um deputado, e não dos mais ignorantes, que sustenta ser catholico, sem todavia admittir o *Syllabus*, nem a infallibilidade pontificia defendida pelo Concilio do Vaticano. E fundava-se—querem saber?—em que, não querendo ser clerical, admittia dos ensinamentos da Igreja unicamente aquelles que

mais razoaveis lhe pareciam. Não pensava que d'essa forma tambem se pôde dizer catholico o Gran-Turco, que do certo não pode negar, que aceita das doutrinas do christianismo todas aquellas que lhe parecem proprias com a sua razão.

O que separa o hereje do catholico é simplesmente o primeiro ter como regra de fé o seu juizo privado, e o segundo a auctoridade da Igreja. *Ego Evangelio non crederem, nisi me catholicae Ecclesiae firmaret auctoritas*, dizia Santo Agostinho. E na verdade, quem nos assegura a authenticidade e a fé do Evangelho, senão a propria Igreja? Deus confiou-lhe o deposito de sua revelação, e ella a explica e interpreta aos fieis sob a divina assistencia. Por isso o que nos vem pelo magisterio da Igreja é a palavra de Deus; o que nos vem por outra via está fóra da ordem da revelação, e sujeito, por consequente, aos erros do homem.

Herezia quer dizer separação, e dá-se este nome áquelles, que separando as verdades da fé, aceitam umas e desprezam outras consoante os dictames da sua razão. E provado está que ao fazol-o assim o hereje obedece, não a Deus que lhe falla por intermedio da Igreja, mas a si mesmo, a seu juizo particular. D'aqui o peccar por infidelidade, e perder o habito da fé, porque recuso o objecto formal d'ella, isto é, a verdade divina tal qual nos é manifestada pelo magisterio da Igreja, instruida por Deus para este fim.

Basta para isso o doixar de crer em alguns dos seus artigos, ou mandamentos, porque essa razão formal é a mesma para todos: «O que adhere á doutrina da Igreja como a regra infallivel (observa S. Thomaz), aceita tudo quanto a Igreja ensina, mas se d'entre o que a Igreja ensina aceita uma cousa e rejeita outra, deixa de aceitar a doutrina da Igreja como regra infallivel, para sujeitar-se unicamente á sua propria vontade. *Qui inhæret doctrinae Ecclesiae tamquam infallibili regulae omnibus assentit quæ Ecclesiae docet, et quæ non vult non tenet, jam non inhæret Ecclesiae docet, quæ vult tenet, et quæ non vult non tenet, jam non inhæret Ecclesiae doctrinae, sicut infallibili regulae sed propriae voluntati* (1). Não pode haver nada mais evidente: quem recusa seu assentimento a uma só das verdades ensinadas pela Igreja, demonstra que ao aceitar outras não é movido pela infallivel auctoridade da Igreja, porque esta se estende tambem ás que elle se recusa aceitar, mas sim arrastado pela sua razão, e por tanto a sua infallivel regra

(1) Summa th. 2. 2. 9. 0. a. 3.

de fé é a mesma dos protestantes e de todos os herejes.

Temos insistido n'este ponto, por nos parecer de summa importancia, e por que se refere a um facto mui frequente entre os catholicos que mais ou menos se tem deixado combanir pelo liberalismo. Ha entre estes alguns que com uma leveza extraordinaria fallam dos artigos da fé, demonstrando não crer em alguns porque lhe não podem caber no seu acanhado cerebro. E assim se vae formando uma crença propria e arbitraria desprezando tudo aquillo que não lhe agrada, e interpretando a seu talante os ensinamentos da Igreja. Verdade seja que as mais das vezes obram mais por ligeireza, por levandade, que por pertinacia; ou por outra fallam mais por ignorancia que por má vontade que tenham á Igreja, tornando-se a sua herezia em *material*, antes que *formal*; porém nem essas levandades e ignorancia em pontos de tanta gravidade, cremos que sejam desculpaveis aos olhos de Deus. O que de uma vez para sempre deixamos assentado é que se virmos bem a principal raiz da perversão mental que leva muitas pessoas, ainda que *materialmente*, á heresia, consiste na ideia absurda de querer ser catholico, mas não clerical. O animo vae-se assim pouco e pouco separando do clero, e insensivelmente se aparta tambem dos ensinamentos dogmaticos da Igreja, ou pelo menos se lembra muito pouco d'elles.

(Continúa.)

Civiltá Cattolica.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O TRANSFORMISMO

(Continuado do n.º 4)

Entre os argumentos que os transformistas adduzem em abono da sua hypothese, o de não menos valor apparentemente é tirado da embryologia.

A identidade de estrutura embryonaria entre animaes muito differentes é para elles uma prova da communidade de origem, e a evolução embryonaria individual do homem, durante a qual reveste, como em esboço a maior parte das formas porque passou todo o reino animal, confirma a sua descendencia das especies inferiores.

Topinard, grande apologista do darwinismo, expondo na sua Anthropologia o desenvolvimento do embrião, diz que na quarta semana a *diferença*

entre um cão e um homem é *inapreciavel*; porem que a divergencia se manifesta formalmente a partir d'esta época, sem que passe por metamorphose alguma. Logo não é avorignado que o embrião humano revista as differentes formas dos seus imaginarios antepassados; e se na quarta semana da vida embryonaria a differença entre um cão e um homem é *inapreciavel* ao olho do observador, não se segue que não exista uma differença real e profunda.

O mesmo se pode dizer do argumento tirado da semelhança das cellulas, pois parece evidente que o ovulo que dá origem a um vibrão não é inteiramente igual ao que dá nascimento a um elephante, e o não se perceber a differença pode resultar da imperfeição dos instrumentos de que dispomos para a analyse.

Admittida, porem, a semelhança, que prova mais evidente da acção d'um Creador, o qual com os mesmos elementos produz, sempre e sem interrupção, séres os mais variados e distinctos?

E' bem conhecido em chimica o phenomeno do isomorphismo, propriedade que tem os corpos de natureza differente de se chrySTALLISAREM sob a mesma forma; todavia creio que até hoje ainda ninguem affirmou que os sulphuretos de prata e de chumbo tiveram uma origem commum ou se derivam uns dos outros, porque tomam a mesma forma chrySTALLINA.

Mas façamos ainda mais uma objecção das não menos embaraçosas para os defensores do transformismo.

E' incontestavel que o embrião humano se *transforma* em nove mezes n'uma criança e é tambem certo que os ossos humanos fosseis da caverna de Kent, que remontam a uma época afastadissima da nossa, são inteiramente semelhantes aos da actualidade.

Ora se a natureza é capaz no decurso de algumas semanas de operar *transformações individuais* prodigiosas, porque não operaria transformações especificas durante muitos milhares de annos?

Quem pode o mais, pode o menos; por isso se a natureza tivesse esta faculdade de certo teria produzido a longo prazo mudanças muito mais extraordinarias na especie, do que em curto espaço no individuo.

E' evidente, pois, que o metamorphismo depende do individuo, que é variavel nos limites da sua especie, e não da propria especie, que é fixa.

Eis-nos, porem, chegados ao ponto principal da questão e para bem a comprehendermos estabeleçamos primeiro o que em historia natural se entende pela palavra especie.

Prichard define-a um grupo de individuos, que se assimilham entre si, descendentes d'um unico par, e cujas leves

differenças se explicam pelas influencias dos agentes phisicos.

Um conjuncto de individuos mais ou menos semelhantes entre si, que descendem ou que podem ser tidos como descendentes d'um unico par primitivo por uma successão ininterrupta e natural de familias, é a definição de Quatrefages.

Para Blainville especie é o individuo repetido e continuado no tempo e no espaço.

Linneu e Buffon, Jussieu e Cuvier, do Candolle, Godron, Agassiz e tantos outros eminentissimos naturalistas são concordes em considerarem como elementos essenciaes da definição de especie, as duas noções de filiação e semelhança.

Erradamente, pois, andam os transformistas dando summa importancia á morphologia em menospreço da physiologia.

«A morphologia, diz Haechel, é propriamente o terreno em que a nossa theoria da descendencia tem suas raizes mais profundas, e onde amadureceu mais brilhantes fructos.»

Exemplo:

«Os ligeiros cavallos de corridas e os lentos cavallos de carga, os elegantes cavallos de trem e os pesados cavallos de carroças, os corpulentos cavallos de cervejeiros e os pequeninos poncys, são, entre muitas outras, raças tão differentes entre si que, se as encontrassemos no estado selvagem, certamente as descreveriamos como especies absolutamente diversas d'um genero, e ainda como representantes de generos differentes.»

Na verdade, todas estas pretendidas «raças» ou «variedades» do cavallo differem mais entre si do que a Zebra, o Couagga, o Dauw e as outras especies de cavallos selvagens, que todos os zoologistas distinguem como *bona species*. Todavia, todas estas differentes «especies artificiaes», que o homem produziu pela selecção artificial, derivam d'uma só forma avoenga commum, d'uma «boa especie» selvagem.

Do mesmo modo com relação ás especies tão numerosas e variadas do pombo domestico, que Darwin provou serem outros tantos descendentes d'uma só especie selvagem, o pombo bravo ou trocaz (*columba livia*). E que differenças extraordinarias se notam, não só na forma geral, tamanho e côr, mas na forma particular do craneo, do bico e dos pés! Differem mais entre si em todos os sentidos do que as numerosas especies de pombos selvagens, que os ornithologistas classificam ordinariamente como «boas especies» e ainda como «bons generos». O mesmo se pode dizer das diversas especies artificiaes ou raças de maçãs, de peras,

de amores-perfeitos, de dahlias, etc., n'uma palavra da maior parte das especies de plantas e de animaes domesticos».

Muito de proposito fiz esta transcripção, porque o professor de Iena na sua ultima obra «As provas do transformismo» (que nada provam) reuniu os mais fortes argumentos que podem ser adduzidos em abono d'esta hypothese.

Vejamos no entanto como victoriosamente responde Quatrefages a todos os transformistas passados e futuros, quer pertençam á raça dos mestres, que se chamam Darwins ou Haeckels, ou á raça liliputiana dos aprendizes, Baratas ou Garcias.

Parece impossivel, diz o citado autor, quando nos occupamos da especie, que se não conceda aos caracteres physiologicos tirados dos phenomenos de reproducção uma importancia muito superior áquelles que podem inferir-se da forma. Todos os dias presenciamos que esta varia nas mãos dos nossos criadores de animaes domesticos, jardineiros e ainda simples ortelãos, sem que occorra a homem algum de sciencia ou pratico a idea de fazer uma especie á parte dos productos os mais discordantes, todas as vezes que a filiação é bem conhecida.

A auctoridade dos factos sobreleva todas as theorias e conduz a identicas conclusões espiritos os mais divergentes.

Igualmente, ninguem terá como pertencente á mesma especie, por mais visinhas que pareçam, as formas hereditarias entre as quaes é impossivel obter uniões fecundas. Ainda n'este caso, a realidade é superior a todas as subtilezas de escola.

Na essencia, o grande problema consiste em saber ao justo até que ponto a experiencia nos pode esclarecer sobre a natureza dos dous grupos conhecidos com os nomes de *especie e de raça*. O cruzamento é o unico modo d'experimentação conhecido.

A questão cifra-se pois em averiguar até que ponto são constantes os phenomenos da união entre mestiços (animaes da mesma especie mas de raças diferentes) e entre hybridos (animaes de diferentes especies).

Mas concedamos ainda por um momento a palavra a Haeckel. Transcrevamos sem receio as provas que elle emphaticamente chama *certas*.

«A noção de especie não tem maior valor physiologico do que morphologico.

Sobre este ponto devemos muito particularmente observar que a propria questão da reproducção dos bastardos, ultimo refugio dos defensores da fixidez das especies, não tem hoje significação alguma.

Sabemos em virtude de numerosas e seguras experiencias que duas «boas especies» diferentes se unem e podem dar nascimento a bastardos (hybridos) fecundos.

E' tambem um facto não menos certo que os descendentes d'uma unica especie, cujas uniões eram sempre fecundas, segundo o dogma da antiga escola, ou não se cazam sob a influencia de certas circumstancias, ou só procriam bastardos (mestiços) infecundos.

Pelo que diz respeito á *prova certa*, que exige Virchow, nenhuma classe de animaes melhor do que as Esponjas mostra que a noção de especie assenta sobre uma pura abstracção, e só tem um valor relativo como as de genero, de familia, de ordem e de classe.

N'estas, a forma indeterminada e indocisa apresenta uma tal variabilidade, que toda a distincção de especie é absolutamente illusoria. Já Oscar Schmidt o tinha notado nas esponjas ciliares e fibrosas.

Eu tambem na minha monographia sobre as *Esponjas calcareas*, fructo de cinco annos de estudos assiduos consagrados a este pequeno grupo de animaes, mostrei que se podem distinguir á vontade 3 ou 21 ou 111 ou 289 ou 591 especies.

Estimo além d'isso ter domonstrado que todas estas diferentes formas de esponjas calcareas podem naturalmente ser derivadas d'uma unica forma avoenga commum, — não hypothetica mas ainda hoje representada, — do *Olinthus*. Creio pois ter apresentado em toda a evidencia possivel, a prova certa da transformação das especies, — a prova de que todas as especies d'um grupo de animaes descendem d'um unico antepassado.»

Eu pela minha parte creio tambem que não posso ser taxado de fugir á questão deturpando as provas dos adversarios. Ellas ali ficam em toda a força com que as pronunciei um dos oraculos da sciencia da moda.

Só o que me custa a crêr é o desplante d'estes sabios dogmatisando como verdade adquirida o que é pura hypothese; é o apresentarem como provas irrefragaveis, asserções gratuitas mil vezes refutadas.

E' este um trabalho já feito; por isso tambem nada melhor poderei fazer do que reproduzil-o succintamente.

Entre outros será d'aqui em diante meu principal guia Quatrefages, já por vezes citado n'estes artigos.

Parece-me tambem incrivel que o sr. Dr. Barata, a quem cabe a gloria, *nunci assás louvada*, de ser o primeiro acclimador do transformismo entre nós, não queira vêr a *verdade deslumbrante* com que o celebre anthropologista Quatrefages rebate esta hypothese.

S. Exc.^a mostrando ao sr. Dr. Theophilo a noção erronea e arbitraria, que este formava de *raça*, e referindo-se aos trabalhos sobre a *raça prussiana* d'aquelle illustre representante da sciencia diz, que «a verdade d'esta theoria é d'uma verdade deslumbrante»; devendo accrescentar: como egualmente o são os estudos de Quatrefages sobre a theoria de Darwin.

Muitos, porem, fecham os olhos á luz do meio dia para só os abrirem ao cahir da tarde.

Tanto pode em nós o desejo da celebridade!

(*Continua.*)

P.º FRANCISCO SANCHES.

SECÇÃO LITTERARIA

O PAPA

E A

LIBERDADE

Modernamente, as provas das verdades em religião demonstram-se por meio de processos scientificos. O sentimento, as idealidades, os affectos movidos rhetoricamente, passaram. Veio da Allemanha o exemplo, a analyse miuda, fria, sem enthusiasmo nem grandes apparatus de regras e dogmas estatuidos, e esteios das velhas polemicas desde os primeiros impugnadores da heresia até Lacordaire e Fraysinous. A *Apologia do Christianismo* de Hettinger, professor theologo na universidade de Wurzburg, e *O Papa e a Liberdade* do dominicano Constant são as mais notaveis obras da segunda metade do seculo XIX pela elaboração scientifica que lhes dá uma caracterisação particular. N'esta, que acabamos de reler, deparou-se-nos, de par com os meritos de eloquencia, os quilates superiores da verdade que brilha de por si sem que o esmeril do estylo pula no ouro os tersos esplendores. A demonstração é uma resposta victoriosa aos ataques mais rudes que tem soffrido a Igreja, symbolisada, ás vezes indiscretamente, nos seus pontifices. Accusam-a de adversaria da liberdade. O Padre Constant, com centenas de documentos, demonstra que a moderna liberdade, a justa, a precisa, deriva da iniciativa de uns Pontifices e nenhuns houve que a engeitassem de filha do catholicismo.

A Igreja, com raros intervallos de escuridades e cegueiras humanas, collocou-se sempre do lado dos fracos contra os potentados. Foi ella quem ensinou os direitos irmanados com os

deveres. Da funda noute da edade media os clarões que nos chegam, são da Egreja. Ainda nas tristes memorias pontificias do seculo X, tão calunnias pela exaggeração, ha paginas que podem ser inclusas na historia da redempção dos opprimidos, dos servos do feudalismo. Os anathemas d'esse cyclo são fulminados, quasi sempre, contra os tyrannos. Os fracos iam buscar amparo no Vaticano. Em Roma ouvia-se o gemer dos inermes e respondia-se com a força moral aos poderosos que lhe enviavam a ameaça e a injuria, por que os Pontifices, em nome de Jesus Redemptor, dardejavam o raio da excommunhão contra os despotas.

Os Papas não absorviam a omnipotencia das coisas mundana; accitavam a missão de arbitros que, umas vezes os povos e outras vezes os reis lhes delegavam; por que a não ser em Roma, onde estaria a caridade, a brandura, a sciencia, o thesouro das consolões para o servo e das admoestações para o senhor?

Gregorio VII, tão mal comprehendido pela obcecação de philosophos pouco esclarecidos, propugnou tanto pela liberdade ecclesiastica como pela civil: foi elle quem traçou os limites mais profundos entre a Egreja e o Imperio, entre a cadeira de S. Pedro e o throno invasor da Austria. A Egreja conquistava corações de desgraçados; punhalles ahí o germen da liberdade pela doutrinação da igualdade humana; dizia ao escravo que a sua servidão estava ainda debaixo dos olhos piedosos de Jesus Christo agonisante na cruz. Os dominios da Roma libertadora eram as reacções que a prepotencia ia encontrando, de seculo para seculo, na rebellião da arraia miuda, protegida pelos Papas. Essas reacções chamavam-se a *Liberdade*. Depois, a civilisação, o progredir das classes que a Egreja nivelara hombro a hombro da tyrannia, tornou desnecessaria a mediação dos Papas na vida civil.

Elles tinham dado quanto podiam para a liberdade das almas e dos pulsos. Tinham cumprido a sua missão, bradando aos poderosos as palavras do Levitico:

«Não conculqueis os fracos com a vossa força; temeí o Senhor.—*Ne affligas populum per potentiam, sed metuito Deum tuum.*»

Acotencen depois que a Egreja teve de enfrear os impetos da liberdade indomita contra as multidões a favor dos reis. Era ainda a arvore santa da liberdade que ella hasteava no campo onde a licença queria devastar. Tinha desarmado os despotas a favor dos opprimidos; agora retinha a furia das vinganças sanguinarias protegendo as dynastias. N'estas luctas, viveu uma

vida de heroicos sacrificios; cahia-lhe o braço em que pozera a balança onde pezava as iniquidades dos grandes e dos pequenos. Alguma vez teria de arrender-se de ser fatora da liberdade; mas a sua missão era consciente e fatalmente necessaria.

Accusaram-na mais tarde de hostil á liberdade quando a Egreja contrariou a dogmatisação da heresia. Confundiram a liberdade do pensamento com a liberdade de deturpar os dogmas da fé; arguiram-na de não consentir que o arbitrio de Luthero definisse a seu bel-prazer o dogma, derruindo o edificio cimentado em quinze seculos de doutrina homogenea e triumphante dos primitivos heresiarchas. Não havia nada commum entre a liberdade que os Pontifices inauguraram e a licença de aniquilar o Pontificado. Mas a inimiga contumaz da Egreja é a philosophia do seculo, a filha da Reforma, que hontem trajava uns atavios e chamava-se *Voltaire*; hoje traja outros e chama-se *Comte*; amanhã virá d'outro feitio e dirá que é filha de Darwin. Esta é que é a contumacissima adversaria dos Papas aos quaes irroga a censura iniqua de inimigos da liberdade.

O dominicano Constant responde a todos os philosophos, sob qualquer denominação que se lhe offerecem, com o magnifico livro que o leitor, de boa fé, e de prevenções criticas, tem de admirar, porque o segundo difficilmente encontrará avenida por onde vingue agredil o nos seus reductos. A versão não escrupulisamos em asseverar que é correcta e digna do original.

Camillo Castello Branco.

A CIGANA

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

I

(Continuado do n.º anterior)

Depois recostou-se de novo na cadeira, cerrou os olhos, procurou o seu rosario, que segurou entre os dedos, dando a conhecer, pelo leve movimento dos labios, que rezava.

Os criados, porque estavam longe, não ouviram o chamar de Roberto, e por isso não aculiram. O joven vendose moralmente só, ainda que estava em

companhia de sua mãe, fitou o debuxo que havia deposto sobre a ineza, perguntando-se com tristeza, o que teria elle para assim impressionar tão dolorosamente sua mãe.

II

Por mais que Roberto fitasse seu lindo trabalho, não achava uma resposta satisfactoria.

Era uma deliciosa paisagem, representando um copado arvoredo, através do qual se divisava um extenso parque e as graciosas torres d'um castello.

Um fio de transparente e crystalina agua, que brotava d'uma fonte rustica, deslisava-se do mansinho por entre as arvores, e ao longe, um pastor guardava um pequeno rebanho de ovelhas.

Era n'aquelle bosque, á sombra d'aquellas arvores, na orla d'aquelle arroyo e sob o tecto d'aquelle esplendido castello, que havia passado a infancia de Roberto. Fôra ali que elle vira sua mãe formosa, altiva, feliz; ali onde conhecera seu pae, gulharo, alegre, todo carinho e ternura para com elle e para uma irmãsinha, que se recordava vagamente haver tido. Ali passára Roberto os mais formosos annos de sua vida; o se tão risonha lhe correria ali a infancia, que razão haveria para sua mãe se recordar tão dolorosamente d'aquelles sitios, para que só a recordação d'elles a fizesse desmaiar, a ella, tão forte, tão varonil, tão senhora de si em meio dos maiores perigos?

A' penetração de Roberto não pôde escapar o terrivel effeito que no espirito de sua mãe produzira a vista d'aquella paisagem, que representava sitios que elle julgava serem-lhe bem queridos.

D'aqui principiou o coração do pobre mancebo a opprimir-se como se um grande peso o suffocasse. Ha seis annos que haviam deixado o seu risonho castello de Provença, em França, depois da morte de seu pae, e era justamente ha seis annos que sua mãe permanecia gelada como um sepulchro. Que mysteriosa desgraça se havia gravado na fronte d'aquella mulher, em outros tempos tão radiante, tão formosa?

Roberto recordava-se de seu pae, o conde de Honsaye, de quem era o unico filho e herdeiro, com ternura, com dôr e veneração. Recordava-se ainda de o ver sentado no salão do palacio que habitavam em Pariz durante o inverno, recebendo seus amigos em meio da maior alegria, tratando a todos com essa graça tão natural nos homens que se tornam distinctos por sua conversação, por seu trajar e por seus modos.

Volvia depois os olhos ao seu castello de Provença, situado em meio d'um

valle, e via-o ali, á noite, sentado junto de uma janella, pela qual penetravam os raios da lua, mas sem aquella alegria que em Pariz o caracterisava, antes abysmado em melancolica tristeza.

Recordava-se ainda de que seu pae os sentava nos joelhos, a elle e a sua irmãsinha Julia, formosa menina de seis annos, de dourados cabellos e olhos azues, e os abraçava com paixão, os contemplava por algum tempo, deixando depois cahir sobre suas frentes innocentes algumas lagrimas.

Se n'estas occasiões era surprehendido pela condessa, deixava os filhos e dava á sua phisionomia a mais tranquillidade indifferença, a tristeza mais amarga.

Recordava-se tambem de que uma noite, seu pae os tomára adormecidos nos braços e entrára com elles em uma carroagem de posta; que depois adormecera n'uma cama proximo á de sua irmã, e que d'esta cama o haviam levado, dois homens mascarados, para junto de sua mãe.

A condessa depois que enviudara, trocou a França pela Hespanha, sua patria, comprando uma quinta na fronteira, que então estava á venda e na qual habitava. Jámais usára o titulo de seu marido, firmando todos os documentos com o seu nome de baptismo e appellido de familia. Para aquelles que conheciam o seu viver, o retiro em que se sepultára e o sombrio de seu semblante, criam, não sem razão, que algum occulto pesar a consumia.

Assim pensava tambem seu filho ao contemplal-a resando, com os olhos cerrados e os labios contrahidos.

Uma palidez, quasi livida, cobria as feições de D. Antonia, desde que fitára, reproduzido pelo lapis de seu filho, o soberbo castello onde vivera; e em sua frente, que algumas rugas sulcavam, lia-se uma funda e terrivel dôr.

De repente uma voz triste e rouca veio tirar o joven do seu triste meditar.

—Uma esmola pelo amor de Deus! —diase aquella voz, que resoava a pequena distancia.

Roberto voltou-se e viu junto á grade dourada que separava o jardim do parque, um velho macerado e enfermo ao que parecia.

Compadeceu-se o joven, mas não querendo incomodar sua mãe, que continuava immobill e abatida, aproximou-se da grade, tirou da algibeira uma moeda de prata e depol-a na mão tremula do ancião.

Porém, o pobre homem, apenas havia recebido a esmola, e causa talvez da debilidade, ou d'uma profunda emoção, cahiu desmaiado junto á grade.

—Olá, bom homem! —gritou um dos jardineiros, que entrava — saia d'aqui

quanto antes. Não pôde a gente deixar dous minutos a porta aberta que não veja o parque invadido por mendigos! Vamos, fóra d'ahi, tenho dito.

O desgraçado não se moveu.

—Abre a porta, João—disse Roberto — e não molestes esse pobre homem, que de certo está enfermo.

João abriu a porta da grade, sem replicar uma só palavra, e Roberto sahio para vêr e soccorrer o pobresito.

Foi então que mais detidamente o pôde examinar, e ao sentimento de humanidade, que antes o levava a soccorrel-o, succedeu uma profunda compaixão.

O velho trajava um habito de peregrino, roto pelo uso e mais ainda pelas fadigas de longas jornadas; o chapéu de largas abas, cahido no chão, deixava-lhe a descoberto a cabeça povoada de cabellos brancos.

O calçado roto por muitas partes, a barba comprida e branca, a maceração e pallidez do rosto, davam-lhe um aspecto triste; mas apesar de tudo, em meio de tanta miseria, havia em si uma grandeza tal, era tão nobre o seu aspecto, que bem se conhecia que só uma grande desgraça aniquilára aquella natureza privilegiada.

O pobre velho fóra victima d'um terrivel desmaio, que o lançára por terra, fazendo rolar a grande distancia a moeda que Roberto lhe dera tão caridosamente. Aquella figura, tão tristemente abandonada, e formosa até ao mais sublime grau, impressionou demasiadamente o generoso mancebo.

Era de elevada estatura, mas tão fraco, que bem mostrava a enormidade de privações e de desgraças porque havia passado; mas no correcto e nobreza de suas feições bem se adivinhava a admiravel resignação com que soffria.

Roberto adivinhava n'aquella fronte espaçosa, n'aquelle nariz recto, n'aquelles grandes olhos e nas mãos largas e afiladas do mendigo, o typo perfeito de uma pessoa de alto nascimento, typo que nem os maiores soffrimentos, nem as mais extraordinarias fadigas podiam occultar.

E porque tão fortemente commoveu o seu joven coração a presença do desvalido e enfermo ancião, deixou-o ao cuidado do criado e correu para junto de sua mãe, que permanecia na mesma posição em que a deixára.

—Minha mãe— exclamou apenas chegou junto d'ella—minha mãe, está ali um pobresinho velho e enfermo, que desmaiou junto da grade do jardim. Permittis que o faça conduzir para casa e se lhe dê aquillo de que carecer?

O silencio respondeu ás palavras do mancebo.

—Minha mãe, não me ouvis?—proseguiu Roberto aproximando-se de D.

Antonia, e inclinando-se sobre o rosto de sua mãe.

Porém um grito de terror sahio de seus labios ao mesmo tempo que se afastava.

Sua mãe conservava-se ainda desmaiada, o segurava entre os dedos o seu rosario de ebano.

No entanto a noite principiava a cahir sobre a quinta. A lua destendia seu manto de prata por sobre o azul do firmamento, e no horisonte, os ultimos raios do sol, ao despedir-se da terra, vestiam d'uma côr doirada algumas nuvensinhas.

Roberto quedou-se indeciso alguns instantes, sem saber que resolução devera tomar. Depois tocou as mãos de sua mãe, e sentiu que eram de gelo; chamou-a uma e muitas vezes, agitou-a suavemente e não pôde conseguir tiral-a da immobillidade que tanto o atormentava. Então assustou-se, correu ao pavilhão da directa e chamou as criadas para que viessem soccorrer sua mãe.

D. Antonia foi transportada ao seu leito e Roberto voltou ao jardim a informar-se do estado do mendigo, que se achava ainda deitado sobre o humido chão.

Depois de curto espaço de tempo em que permaneceu indeciso dirigiu-se ao jardineiro por estas palavras:

—Vamos conduzir este desgraçado para casa.

—E onde o levaremos, senhor?—perguntou João estupefacto.

—Por enquanto vai para o meu proprio quarto.

—Comol...

—Sim... diz a Philippe que o deite na minha cama; eu vou ver minha mãe, e logo que possa irci saber d'elle.

João chamou outro criado vestido de preto que estava a uma janella e levaram ambos o infeliz para o quarto do dono da casa.

Roberto, satisfeitissimo pelo que havia ordenado, e que não julgava mais que um dever, retirava-se para o lado de sua mãe, quando o deteve uma voz doce e juvenil que bradava a poucos passos do logar onde estava:

—Uma esmola, senhor, pelo amor de Deus!

Voltou-se de novo e viu junto da grade uma menina, que teria 12 ou 14 annos, coberta de andrajos e d'um aspecto que denunciava a miseria mais horrivel.

—Morro de fome e de cansaço!—continuou a pobresinha, mostrando no semblante livido e macerado a verdade de suas palavras.

(Continúa.)

VERBUM CARO FACTUM EST!

*Gloria in excelsis Deo, et in terra
paz hominibus bonae voluntatis!*

Reclinado em humilde presepio
o monarcha da terra e dos ceus!!
Pois não pôde escolher outro sólio?!
Assim é que Elle ostenta os dons seus?!

E' possível que um Deus tão grandioso
nascer viesse entre dois animaes?!
com o fim de remir os culpados,
os misérrimos entes mortaes?!

Porém essas dúvidas
finduram-se. E' certo
que o mundo liberto
vai ser do grillhão!
Fez-se homem o Altissimo,
do céo vindo á terra
fazer dura guerra
ao sevo dragão!

Eis n'uns pobres pannos
o Todo-pod'roso!
n'um tempo invernos!
que frio e rigor!
Não vêdes o pranto
que as faces lhe rega?!
Tudo isto que allega?!
—Seu próvido amor!

Que vozes mellifluas!
que sons argentinol!
que accentos divinos
se escutam no ar!!
São vozes, são canticos
de maga doçura!!...
Não pôde a natura
taes sons imitar!

Dizem as vozes celestes:
«Gloria a Deus lá nas alturas!»
—Gloria, gloria! — os ceus respondem,
«Paz na terra ás creaturas!»

Já se apresentam pastores
no presepio de Belem!
Já contentes e risonhos
o Deus-Menino allí vêm!

Já do Oriente os magos chegam,
com afan buscam Jesus;
uma estrella os vai guiando...
ao lugar certo os conduz!

Té que enfim elles o adoram,
com José e a Virgem Mãe!
Mirra e incenso, allí prostrados
lhe offertam, e ouro tambem!

Está pois nascido o Christo
dos homens o Amigo terno!

Exultae, povos, agora!
Glorificae ao Eterno!

E vós, oh Virgem Maria,
de todo o inferno o terror,
exultae! pois vós sois Templo
do Deus-Homem Salvador!

Ao céo voam dos homens as preces!
d'alegria hoje exultam tambem!
Paz na terra! E' no céo gloria seja
a Deus dada, sem fim, sempre!! Amen!

25 de dezembro de 1879.

* * *

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARIO

Um attentado contra a realza; quem é o inimigo de Affonso XII?; uma lição dada por um joven rei.—Movimento catholico no nosso paiz; as conferencias de S. Vicente de Paulo.—A abertura das camaras; sempre o mesmo.—Um processo curioso.—A Russia; o nihilismo.—O novo presidente de ministros em França; resposta ao nuncio; uma noticia desfigurada; a noticia verdadeira; Freycinet cre nos milagres de Lourdes; Gambetta a caminhar para a realza.—Reuniões das Filhas de Maria.

Deixáramos ainda no passado numero registrado n'esta revista um attentado de regicidio e já hoje, passados apenas quinze dias, temos a mencionar outro! A victima escolhida d'esta vez foi Affonso XII, de Hespanha, contra quem não ha muito se fizera igual tentativa.

Quem serão os inimigos d'Affonso XII, rei de Hespanha? Qual será o hespanhol, o cidadão d'essa nação fidalga que odeie o joven monarcha, quando nos regios paços se não ouve mais que o arrulhar amoroso de dois esposos felizes, e o gargallar alegre d'uma familia que vive entre festas, entre as bençãos e as acclamações d'um povo?

Quem será o seu inimigo?

Será o partido carlista? não; porque esse partido, que oppõe o peito franco e valente do soldado ante um exercito de 200 mil homens, não pode abrigar n'alma a infamia, a cobardia.

Será o partido republicano?

Será a canalha incendiaria de Alcoy e Cartagena?

Não responderemos, que receiamos enganar-nos.

Mas querem saber quem é o inimigo d'Affonso XII? E' o inimigo de todos os reis, é a Revolução! Sim. E' a Revolução que ha um seculo tenta arrazar todas as instituições. E' a Revolução que nos fins do seculo passado alastrou de

cadaveres a França, que lançou por terra, envoltas no pó das ruinas, as casas religiosas onde se abrigava a sciencia, a virtude e a caridade. E' a Revolução que decretou a invasão de Roma, que roubou ao Papa os seus estados. E' a Revolução que pregou a negação de Deus pela bocca de Lattre, Edgard Quinet e outros muitos apóstolos seus, semeados pelas escólas de todos os paizes, abaucados á mesa das redacções da maior parte dos jornaes de todo o mundo. E' a Revolução que manda apedrejar as irmãs da caridade, que levanta calumnias contra os jesuitas e que espalha profusamente os escriptos mais extraordinariamente infames, mais espantosamente repletos de impiedade.

E' querem os leitores saber porque a Revolução odeia tanto Affonso XII? E' porque o rei de Hespanha é catholico, é porque o rei de Hespanha ainda ha pouco era o alvo das acclamações do povo de Madrid na occasião em que praticava um acto digno de todo o catholico, mas digno tambem da admiração de todos, por ser praticado n'uma época em que ha quem se envergonhe de descobrir-se á passagem do Sagra-do Viatico.

Para esses, para os que querem passar por espiritos fortes em meio d'uma multidão que se prostra com a maior reverencia ao passar d'uma procissão, como vimos a dois sujeitos vindos *di lá*, que para verem a procissão de Corpus-Christi n'esta cidade se apresentaram commodamente recostados em um carro, ostentando ao peito um formoso cravo encarnado, e escondendo por baixo dos assentos os pares de jarras que cada um possui onde outros cravos bem deveriam caber; para esses damos como lição o que ha pouco fôra praticado pelo monarcha hespanhol, e que achamos circumstanciadamente descripto na correspondencia de Madrid para o nosso apreciavel collega da *Palavra*, nos seguintes termos:

«Ante-hontem de tarde no momento em que a côrte regressava de cumprir com o seu piedoso costume que indiquei encontrou o Viatico sahido da parochia de S. Sebastião com humilde aparato e mui modestamente conduzido n'um mau coche d'aluguer; e ordenando incontinentemente que se detivessem os seus trens desceu com sua esposa da carruagem que occupava, fez descer suas irmãs e as demais pessoas que os acompanhavam e dando a mão ao sacerdote que conduzia o Viatico acompanhou-o até ao seu coche não sem se ajoelhar em meio do lodo como todos os seus acompanhantes, dizendo que era indigno que um rei da terra passasse em carruagens luxuosas ao lado do Rei

dos cous que ia n'um pessimo vehiculo. Acto seguido pediu ás seis humildes pessoas que acompanhavam Sua Divina Magestade que lhe cedessem as tochas e, tomando uma, collocou-se á portinhola direita da carruagem, entregando as restantes aos membros de sua familia e ao general chefe dos seus alabardeiros, ordenando que se destacassem em descoberta dois batedores mais que para a sua pessoa e que a sua comitiva o a sua escolta seguissem dando escolta de honra na fórma reservada a Deus. O aspecto que, depois de organizada assim a comitiva, apresentava tudo aquillo era verdadeiramente magnifico: reis e príncipes em volta d'uma carruagem em que ia um modesto sacerdote levando entre suas mãos a Sagrada Eucharistia; generaes, grandes de Hespanha e altas damas seguindo-a a pé; um brilhante e luxuoso esquadrão de cavallos dando escolta de honra e as carruagens que occupavam marchando em respeito; e mais detraz ainda, homens, mulheres e meninos, uma grande multidão que seguia ávida aquella cerimonia, encantada do acto de profunda piedade do chefe da nação, vindo depois augmentar-lhe o brilho as luzes que de toda a parte sahiam (velas) que eram entregues aos servidores do monarcha para que allumiassem a cerimonia.

Chegou-se n'esta forma a uma humilde casa d'uma pobre rua, cujos visinhos ficaram pasmados em presença de tanto bordado de ouro, tanta gala e tanta seda, e como o espaço o permittia subiram ao ultimo andar, onde n'um pobrissimo quarto jazia uma velha muito abatida, mais talvez pelos annos e falta de cuidados que por sua propria doença, não sem que ao penetrar na vivenda advertisse o sacerdote que era conveniente não entrarem as pessoas reaes para que não se impressionasse a enferma, o que sem embargo não obsteu a que a rainha, pretextando que a não conhecia, entrasse até á alcova da pobre velha, informando-se do seu estado e deixando sobre a cama o seu bolsinho cheio de ouro. Julgue-se do assombro da boa mulher, quando já advertida de que mui altas pessoas, cunprindo um costume christão, haviam acompanhado o Viatico, observou que no bolsinho da joven senhora, que se interessava pela sua saude, apareciam bordadas as armas reaes de Hespanha.

Concluido aquelle patetico acto, em que muitos assistentes verteram lagrimas de prazer, voltou a comitiva á egreja na mesma ordem em que tinha ido aquella pobre morada, e já no templo o sacerdote que, conforme o costume, lançava a benção e dirigia a palavra á multidão, recommendou-lhe que

imitassem o nobre exemplo de humildade e fervor christão que acabavam de dar-lhes os reis, e a estes que perseverassem em tão bom caminho certos de que só n'elle encontrariam tranquillidade para as suas consciencias e a protecção divina.

O povo que, por fortuna, é catholico tem um grande instincto e obra communmente com acerto quando é deixado entregue ás suas proprias inspirações, e aquella multidão que havia applaudido no intimo permanecendo silenciosa, em quanto durou a cerimonia, prorompeu em entusiasticos vivas ao sairem do templo os monarchas, sobre tudo as mulheres que queriam nada menos que limpar com seus lenços a salpicada barra do vestido da rainha, porque, diziam ingenuamente, «se havia posto em lastimoso estado com a lama ao ajoelhar-se ante Sua Divina Magestade, como devem fazer os bons christãos».

Eu que casualmente chegava áquelle sitio nos ultimos momentos do espectáculo, fui testemunha irrecusavel da satisfação popular que deve servir a D. Affonso de eloquente lição e illuminar-o sobre os verdadeiros desejos da nação, porque n'aquelle momento a multidão expressava o que sentia e associou-se-lhe porque fez o que querem os catholicos.

* * *

Algumas das nossas cidades vão dando, louvado Deus, uns certos signaes de vida catholico-religiosa. O Porto com a sua conferencia de S. Vicente de Paulo, tem levado o conforto a muitos desvalidos e conduzido pelo exemplarissimo comportamento de seus membros, immensas ovelhas transviadas ao redil do catholicismo.

Em Braga, dizia ha pouco o nosso collega da *Palavra*:

«A Conferencia de S. Vicente de Paulo em Braga, fundada ha pouco mais de um anno pelo Rev.^{mo} Padre Senna Freitas, tem progredido e prosperado admiravelmente. Conta no numero dos seus membros honorarios, subscriptores e effectivos todos os cavalheiros d'aquella cidade mais conspiciosos por sua posição, saber e virtudes: e nenhum individuo talvez, que possua o verdadeiro espirito de caridade, deixa de estar filiado n'essa associação incomparavel. Celebra as suas sessões com a maxima regularidade todos os domingos, á noite. Soccorre já talvez para cima de cem familias que vivem no infortunio occulto, alanceadas, dia e noite, pelas torturas da fome e de todo o genero de privações. Os membros da mesa são inexcedivovs em actividade e zelo caritativo.

O presidente, um dos medicos mais distinctos não só d'aquella cidade, como do nosso paiz, e ainda no vigor dos annos, desenvolve uma actividade assombrosa. O secretario e o thesoureiro, cada um na sua esphera, nada lhe ficam a dever n'esses requisitos tão necessarios em todos os membros d'estas sociedades puramente caritativas.

A respeitavel classe medica da cidade conta alli quasi todos os seus membros, que por muitas vezes vimos presentes ás sessões da Conferencia, ficando summamente edificado com o fervor religioso e zelo pela caridade que sempre manifestam, já pelas suas palavras, já pelas suas obras, que traduzem bem suas firmissimas crenças catholicas. E' consolador.

A Conferencia tem, n'uma palavra, lançado as mais profundas raizes, possui, mercê de Deus, os mais solidos e vigorosos elementos de vida e promette dilatar cada vez mais no futuro a orbita da sua sublime missão, toda caridade, amor e conforto para com aquelles que a fortuna amaldiçoou. Os beneficios, embora occultos, que já tem derramado, são immensos, sem numero as lagrimas que ha enxugado, as misérias que tem elidido, as consolações que tem prestado e o conforto e a resignação christã que tem levado á miseravel enxerga do pobre e á obscura habitação das familias, que languem occultamente nos braços da fome e da mais extrema penuria.»

Quão feliz seria a humanidade se em todas as terras podessem estabelecer-se estas santas instituições!

São ardentes os nossos votos para que Guimarães não seja das ultimas a fundar a Conferencia de S. Vicente de Paulo. E se é certo que o redactor principal d'esta folha anda empenhado em aqui a fundar, não tardará que a vejamos florescer em breve.

* * *

No dia 2 do corrente e na forma dos annos anteriores abriram-se as camaras, pronunciando S. M. por essa occasião um discurso que em nada foi alterado tambem do dos annos anteriores.

Pode vêr-se qualquer: o d'este anno ou um dos annos anteriores.

Cá estamos á espera das palavras que, em prol da religião catholica, vão pronunciar na camara dos deputados os ecclesiasticos que n'ella tem logar.

Que Deus os illumine para que na tribuna politica não tenhamos de lastimar algum como lastimamos na tribuna sagrada.

* * *

O tribunal de Florença occupa-se actualmente d'um importante processo da Internacional. O numero dos réus sobe a quatorze, e o das testemunhas é consideravel.

A accusação principia por reconhecer a existencia de uma associação internacional de operarios socialistas, tendo um caracter anarchico e revolucionario e ramificação em diferentes paizes.

Na Italia, esta associação é representada por uma assembleia federal, delegações provinciaes e secções communaes.

Os principios da associação, a julgar pelas suas proclamações e por cartas e outros documentos apprehendidos pela policia nas casas dos réus, são a abolição de toda a authoridade e toda e qualquer fórma de governo, de religião, da familia, da propriedade individual, substituidas pela anarchia, o atheismo, a communitade de bens, a *fraternidade* entre todos os povos.

Já se disse que eram quatorze os réus: doze homens e duas mulheres. Uma d'ellas é Anna Koulichoff, uma russa, que, como diz o processo, havia residido em Paris durante algum tempo, de onde havia sido expulsa por crime politico.

Dois dos réus são accusados de terem dirigido cartas ao principe Demidoff e ao marquez Panciatichi, nas quaes lhes exigiam sommas consideraveis para as despesas da associação, acompanhando os seus pedidos de ameaça de morte e de incendio.

Esta é uma das faces da Revolução.

* * *

As ultimas noticias que nos transmite o telegrapho são assustadoras no que respecta á Russia. Tinham-se feito numerosas prisões, mesmo entre o exercito, de individuos accusados de nihilistas.

O nihilismo, como os nossos leitores sabem, é a Revolução vista por outro lado, e na Russia, por isso que é onde pairam ainda mais intensos os nevoeiros do despotismo, é onde mais assanhados andam os inimigos da ordem. Porque é da ordem, da auctoridade que elles são inimigos, e não do despotismo, que despota tem sido a Revolução em todos os tempos e sob qualquer forma de governo.

* * *

Em França constituiu-se um novo ministerio, presidido pelo Snr. Freycinet, protestante, mas que ainda assim, respondeu ao nuncio de S. Santidade

com as seguintes palavras na occasião em que s. em.º o cumprimentava na recepção do 1.º do anno:

«Posso assegurar-vos que estou animado das mais sinceras e leaes intenções. Estou longe de abrigar o menor sentimento hostil á religião catholica, que profundamente respeito. Tudo quanto desejo é apartal-a a do contacto demasiado estreito com os assumptos politicos, assim como emancipal-a de uma confusão que poderia paralyzar os vossos esforços e crear a todos entorpecimentos, difficuldades e desgostos».

Isto na bocca d'um protestante é caso para a nossa admiração, e mais para admirar-nos é a seguinte noticia, que que dá para o *Commercio do Porto* o seu correspondente de Pariz:

E' curioso observar que o snr. Freycinet, bem como o seu predecessor, é protestante. Alguns periodicos recordam anedoticamente que, a pedido seu, o dr. Lasserre applicou-lhe uma occasião agua de Lourdes, para uma ophtalmia; não porque Freycinet acreditasse na sua efficacia, mas porque entendia que o medico, como catholico que era, devia prescrever a afamada lymphá virtuosa. Não achamos inconveniente algum em que o respeito pelos principios se sustente em cousas assim tão innocentes.

A' vista d'esta noticia, que nos dá o correspondente d'um dos periodicos mais lidos do paiz, mas que nos parece nem ao menos ser protestante, ficamos sabendo que o snr. Freycinet não acreditando nos milagres de Lourdes, não tem contudo o mau gosto de ser intransigente e por isso se deixou medicar com a agua miraculosa que o snr. Lasserre lhe applicou.

E' isto o que se collige da noticia; mas se attendermos á fonte d'onde vem, temos de não acreditar e de procurar noticias d'outra procedencia para ajuizarmos do actual presidente de ministros francez.

Vejamos o que nos diz a *Civilization* a tal respeito:

«M. Henri Lasserre, no prefacio do seu magnifico livro—*Nossa Senhora de Lourdes*, menciona a amizade d'um protestante que lhe aconselhara recorrer a N. Senhora de Lourdes para alcançar a cura da sua cegueira. Não estamos auctorizados por M. Lasserre para contar os detalhes de tão maravilhosa historia, que elle, por um sentimento de delicadeza, não quiz publicar; mas nós que não temos os mesmos escrúpulos, tomamos a nosso cargo referir um caso que faz grande honra ao espirito illustrado de M. Freycinet, que o eleva muito acima dos preconceitos da seita a que pertence, e que serve para de-

monstrar os meios de que a Providencia se serve, quando lhe apraz, para fazer brilhar as verdades que Ella quer patentear aos homens.

E' util narrar esta historia, não pelo vão desejo de tornar M. Freycinet suspeito aos seus amigos, mas sim para tranquillisar os catholicos e mostrar-lhes que mesmo fóra dos fieis á sua Igreja emprega Deus certos homens para realisar seus designios.

A utilidade e oportunidade da noticia é o bastante para nos justificar aos olhos de M. Lasserre. Ella ahí vae, pois:

«M. Lasserre estava quasi cego, a ponto de não poder lêr nem escrever. M. Freycinet que tinha ouvido fallar das maravilhas de Lourdes, aconselhou ao seu amigo catholico, que recorresse á agua maravilhosa. M. Lasserre, obedecendo á exaggeração d'um escrúpulo catholico, e não se julgando digno d'uma graça tão especial, principiou por resistir ás instancias do seu amigo. Este porém combateu os seus escrúpulos; creveu ao cura de Lourdes, pedindo-lhe a agua preciosa; e quando viu o seu amigo de posse d'um remedio sobrenatural, instou com elle para que se pozesse em estado de obter o milagre por meio da confissão e communhão.

O milagre verificou-se, e M. Lasserre recobrou a vista.»

Vejam os leitores a differença que vae d'uma a outra narração.

Ao que parece, os governos de França, depois da queda do imperio não mais assistiram a essas festas da côrte, a essas festas apparatusas de que tanto murmuram os inimigos dos reis, os que se dizem republicanos, e que detestam as festas luxuosas, feitas com o dinheiro do pobre povo. Mas Pariz viu de novo essas festas, e so diz a verdade um noticiariista d'aquella capital os transeuntes viram passar com uma especie de assombro, o snr. Gambetta no seu soberbo e rutilante carro, acompanhado dos seus secretarios, com os lacaios que levavam a libré propria do corpo legislativo, de tope tricolor e escoltado por um esquadrão de dragões.

Talvez que a multidão considerasse aquelle aparato como a negação de um governo verdadeiramente democratico.

Depois d'isto que admira se vimos Gambetta fazer o mesmo que fizera o sendeiro de Sedan quando se metamorphoseou em imperador!

São todos assim, leitores, deixom-nos de contos!

* * *

Nos dias 26 e 28 do passado tiveram duas reuniões os coros das Filhas de Maria d'esta cidade, fazendo as práticas o seu illustradissimo director Mon-senhor Rebello de Menezes, que como sempre se mostrou digno de director de tão poetica e catholica instituição.

J. DE FREITAS.

Enviamos nossos parabens ao estimavel collega da cidade de Augusta, o «Commercio do Minho», por haver encetado o oitavo anno da sua publicação.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

I

SANTA THEREZA DE JESUS — REVISTA MENSAL DEDICADA A PROPAGAR A DEVOÇÃO DA SANTA POR MEIO DO CONHECIMENTO DA SUA VIDA E ESCRIPTOS ADMIRAVEIS, etc., etc.

Recebemos o n.º 87 d'esta notavel Revista, 2.º do 8.º anno, e sentimos não ter recebido o 1.º que esperamos da bondade da illustrada redacção receber dentro em breve.

E' feita esta publicação em folhetos de 48 paginas em 4.º e publicada em Barcellona.

Uma variedade tão escolhida de escriptos religiosos como esta que encontramos no fasciculo que temos presente, ainda não vimos; e pena é que, pela differença de lingua em que é escripta a não possamos recomendar a todos os nossos leitores. Lemos com attenção e com o prazer que dão as boas leituras, as 48 paginas do n.º 87, e esperamos em breve dar a conhecer aos leitores alguns dos escriptos que temos para por elles poderem avaliar da obra. Emquanto o não fazemos transcrevemos o sumario d'este n.º que é bastante para confirmar o que deixam dito:

Seccion ascética y doctrinal. — Santa Teresa de Jesús fundadora, pág. 53. — Desde la soledad, pág. 55. — Suspiros de amor á la Santa de nuestro corazon, I, pág. 56. — La enseñanza cristiana en presencia del siglo. El voto religioso, II, pág. 62.

Variedades. Fiesta de la Inmaculada Concepcion de Maria del año 1879,

pág. 58. — Súplica á santa Teresa de Jesús (poesia), pag. 61. — Leyenda teresiana, IX, pág. 68. — Revista de los intereses de santa Teresa de Jesús, pág. 72. — Hechos edificantes; Si tuvierá imitadoras! pág. 76. — Colegio de la Compañia de santa Teresa de Jesús, pág. 77. — Crónica nacional, pág. 77. — Crónica extranjera, pág. 78. — Un antiguo convento en Londres, pág. 80. — Bibliografía, pág. 83. — Retiro mensual, página 84. — Intenciones, pág. 84. — La España de santa Teresa de Jesús socorriendo con oraciones y limosnas al Romano Pontífice cautivo y pobre, pág. 84.

Assigna-se em Barcellona, Calle del Pino 5 e na livraria de Teixeira de Freitas em Guimarães.

II

OS APOSTOLOS, *continuação do Martyr do Golgotha, por Henrique Perez Escrich, vol. 3.º—Leitão & Irnã, editores—Porto.*

Está concluida esta obra, digna de figurar entre a mais bem escolhida bibliotheca romantica. Ornam este volume as seguintes gravuras: Nero presidindo ao incendio de Roma; os christãos lançados ás feras; Morte de S. Pedro; Morte de S. Paulo.

Do merito da obra bastante temos dito, limitando-nos por isso a agradecer, por hoje, aos editores a offerta; e recommendando-a aos nossos leitores como a mais util, a mais inofensiva de todas as que n'este genero se tem publicado.

III

Almanach das Horas Romanticas, illustrado e com muitas tabellas uteis e artigos recreativos. Agradecemos a offerta.

Vende-se por 120 reis na Empreza Horas Romanticas, Lisboa, rua da Atalaia.

IV

O MEDICO ILLUSTRADO, JORNAL DE SCIENCIAS E LETRAS.

Recebemos o prospecto d'esta nova publicação periodica, cuja appareição desejamos em breve annunciar. Principiará a publicação em 31 do corrente.

Cada numero compor-se-ha de oito paginas, impressas em papel superior, calandrado, de grande formato, contendo a primeira a photographia dos mais distinctos medicos, feita no atelier Serra, e de uma capa com annuncios.

Biographará o retratado e tratará de assumptos sobre hygiene, medicina e em geral todas as sciencias naturaes, em artigos assignados por escriptores e

medicos illustres, já inscriptos no numero dos collaboradores.

Publicar-se-ha todos os mezes e o preço para Portugal será de 25000 réis por anno.

Assigna-se no escriptorio da Empreza, Rua do Loreto 61 1.º—Lisboa.

V

MODA ILLUSTRADA. — Publicou-se o n.º 25, correspondente a 1 do corrente e cujo sumario é o seguinte:

GRAVURAS: Roupão de manhã; Trajo de menina (frente e costas); Duas guarnições bordadas; Entremeio; Charuteira; Tira bordada; Guarnição; Metade de um cabeção; Dois bordados de tapeçaria; Rede bordada; Vestido de manhã, feito de setim azul celeste (frente e costas); Regalo de pelucia preta; Regalo de velludo castanho; Bracete; Broche-medalha; Tres broches para manta; Brinco; Anel marquezia; Botão para punhos; Medalha; Sete vestuarios para baile; Oito pontas para manta; Vestuario para casa e jantar (frente e costas); Duas guarnições a ponto cheio; Bordado a ponto cheio e tulle; Entremeio bordado; Entremeio de crochet; Renda de minhardise; Entremeio de minhardise e galão; Onze trajos para mascarar.

ARTIGOS: Correo da moda; De relance; Entre-actos; Ao fogão; Carteira do doutor; O romance da *Moda*; Mil e uma receitas; Correspondencia.

SUPPLEMENTOS: Folha de moldes e debuchos; Figurinos coloridos.

SUPPLEMENTO EXTRAORDINARIO: Folha de oito paginas, illustradas, contendo setenta e quatro gravuras representando todos os objectos e roupas que constituem o enxoval completo de um recém-nascido.

VI

LA MODA ELEGANTE ILLUSTRADA. PERIODICO DE SEÑORAS E SEÑORITAS —MADRID.

Cá temos o 1.º n.º d'esto anno da excellent revista de modas de Madrid, que tem por titulo o que encima estas linhas. Agradecendo-o á Empreza cumpre-nos declarar que em nada desmerece dos n.ºs publicados o anno anterior.

Aconselhal-a, pois, é dever nosso.

A. TEIXEIRA.